

IRACEMA - O FEMININO COMO ESPAÇO DA PERMANÊNCIA E O MASCULINO COMO ESPAÇO DA ERRÂNCIA

Luísa Marinho Antunes
Universidade da Madeira

Antes de conceber as personagens Martim, o moço guerreiro, corajoso aventureiro português, e Iracema, a virgem índia dos "lábios de mel", José de Alencar anuncia a temática da fusão das duas raças da qual nasce o povo brasileiro no poema épico inacabado *Os Filhos de Tupã*. A origem da nacionalidade, a união de povos pela mistura de sangues estranhos ("Onde estão estes povos primitivos/Que é de nossos irmãos, teus primogénitos./De teus filhos selvagens, minha terra?/[...] Misturaram seu sangue ao sangue estranho." p.567) que encontra o seu expoente simbólico no nascimento do filho de Iracema e Martim e na união de Ceci e Peri em *O Guarani*, ocupa o espírito do poeta com o deliberado objectivo de criação de um mito aglutinador que una as forças mentais e físicas de uma nação que, neste momento da sua história, se procura legitimar e autonomizar em relação à antiga metrópole e à Europa.

"Teus filhos, pátria, o sangue têm dos lusos.
Que dum revés da espada outro hemisfério
Talharam do infinito. Cujas lanças,
Haste da cruz, gravou a lei de Cristo
Onde a voz não chegou de seus apóstolos.
Povo exíguo, assinou-lhe Deus o berço
Da cabeça da Europa, sobre o crânio;
Donde os arcanos rasgue do futuro
E do universo as raias descortine.
Estreito promontório, ninho d'água
Prestes a desferir os largos surtos:
Essa nesga de terra, ainda sobrava
Para conter-lhe o reino; mas não cabe
O grande coração da raça ilustre.
Que além, buscando espaço onde respire,
Conquista o mundo antigo, inventa o novo.
[...]
Antes que o mar, qual tigre saciado
Que a presa repudia, nesta plaga
Rejeitasse os intrépidos corsários:
Dominava teus campos soberanos
Uma raça valente, grande e forte." (pp.566-567)

A glorificação poética da comunhão de raças da qual provém a mestiçagem típica do Brasil, anuncia, além da temática principal - a fixação das origens - , motivos que provarão ser recorrentes nos romances históricos de temática indianista de Alencar: os lusos como povo errante atraído pelo mar, o domínio da terra por esses marinheiros que, como um tigre, dominam e devoram a "raça valente, grande e forte".

Iracema (1865) é, nas palavras do autor, uma lenda inspirada pelas reminiscências das paisagens do seu Ceará natal¹, lenda que miticamente une em uma inesquecível história de amor a herdeira da "raça valente", que ocupava os "campos soberanos", e Martim, de sangue luso, dessa pátria escolhida por Deus para ser o seu braço evangélico na terra, que busca " espaço onde respire./conquista o mundo antigo, inventa o novo." O vaguear dos portugueses pelos mares leva-os a terras brasileiras onde se dá o encontro com os povos selvagens, filhos do contacto directo com a natureza e com a terra. O mar liga, assim, para sempre, Portugal e o Brasil, como une Iracema e Martim, criando um novo mundo pela destruição do antigo, inevitavelmente modificado pelo contacto com a civilização que, apesar do deslumbramento que sente face a uma paisagem exótica e grandiosa e um povo belo e livre, na sua ânsia de posse o sacrifica.

Iracema, representante da renúncia e abnegação índia, e também da sua morte, é a filha das serras, do sertão e da floresta, poeticamente descrita por José de Alencar fazendo recurso aos elementos da natureza numa enumeração de tipo analítico, fixando-se sucessivamente nas várias partes do corpo: os seus cabelos são mais negros do que a asa da graúna, o seu sorriso é mais doce do que o favo da jati e o seu hálito perfumado recende mais do que a baunilha. O narrador, que nos apresenta Iracema no segundo capítulo, prolonga o tom poético do primeiro para construir uma figura feminina sensual e exótica, optando por pormenores descritivos que criam um campo semântico ligado aos sentidos e à sedução do corpo:

"Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva."(p.40)

Ainda coberta pela água doce da lagoa, a virgem índia vê pela primeira vez Martim que tem nas faces "o branco da areias que bordam o mar". O contraste que se estabelece entre os diferentes tipos de água - a água calma, estável, imóvel da lagoa e a água do mar, dinâmica, em perpétuo movimento - está em consonância com a mudança de cenário do primeiro para o segundo capítulo. A abertura épico-lírica da obra faz-se pela invocação dos mares bravios sulcados por uma "afouta jangada" que veloz leva consigo Martim, Moacir, o filho de Iracema e do guerreiro português, e um cão. O ambiente marítimo domina a cena com o vento, as vagas, a praia da qual se afasta a embarcação, a vela enfunada em direcção à imensidade do oceano. Considerando, nesta descrição, segundo a terminologia usada por Philippe Hamon, o mar como "tema introdutório", comprovamos que este se desenvolve através de uma "nomenclatura", elementos articulatórios intimamente relacionados com o tema como o 'barco', as 'vagas', a 'vela', e "predicados", os adjectivos, a expansão metafórica ('bravios', 'afouta', 'veloce', 'brioso e altivo'), que orientam a leitura para uma particular área semântica na qual se conjugam o elemento marítimo com o masculino. No segundo capítulo, no qual o narrador inicia a analepse que nos permitirá conhecer a história, apresenta-se um cenário diverso, espaço de ambiência feminina dominado pela serra, fauna, flora, cheiros e sabores da floresta. Do mar vem o guerreiro, perturbador da paz de Iracema, português aventureiro e conquis-

¹ Cf. M.ª Aparecida Ribeiro, "Relendo *Iracema*" in *Iracema*, p.5.

tador, que descobre a terra virgem e viola o espaço da serra, da natureza tropical, ao qual pertence Iracema, que é Iracema. O ser que vem do mar, o homem, encontra a terra, princípio pacífico, o feminino, a permanência. Iracema vive "muito além daquela serra", no coração da terra, na floresta; misteriosa e secreta, que guarda o segredo da fecundidade e da vida, como um ventre materno. Martim traz consigo o "azul triste das águas profundas", instáveis e incertas.

- “- Escutou, Iracema, cantar a gaivota?
- Iracema escutou o grito de uma ave do mar que ela não conhece.
- É a atiati, a garça do mar, e tu és a virgem da serra, que nunca desceu às alvas praias onde arrebetam as ondas.” (p.57)

Se da água do mar nasce a massa indiferenciada que dá origem à vida, é na terra que estão os germens da diferença, o húmus do qual o homem foi criado. Assim nasce Moacir, representante simbólico da nova raça: da horizontalidade do mar e da verticalidade das serras, do masculino e do feminino, que aponta ao céu, do eterno movimento das águas e da estabilidade e permanência da terra.

Momento fulcral no percurso da história, o encontro entre os dois mundos marca a submissão dos dois seres - submissão de Martim aos sentidos, despertados por Iracema apenas saída do banho, e submissão de Iracema a um sentimento amoroso que nasce, simbolizado pela renúncia às armas com as quais se tinha defendido do estrangeiro. A descrição e narração do encontro, realizados pelo recurso a índices do campo simbólico do *fatum*, alertam o leitor mais avisado para o desenvolvimento de uma história de amor que será marcada por fortes pulsões, mas também por uma fatalidade incontornável - o guerreiro, crê Iracema, de início, é "um mau espírito da floresta" e Martim é ferido na face pela flecha da índia. A inevitabilidade da sedução entre a terra e o mar tem como reverso a incompatibilidade entre os dois elementos: um, como vimos, símbolo da permanência e da firmeza, e, o outro, da dinâmica, do estado transitório, da incerteza, da dúvida, enfim, de uma errância afectiva e física.

O encontro é, também, entre o índio e o português, deslumbrado pela beleza índia desde o instante em que tocou pela primeira vez as praias do Brasil, como se pode comprovar pela *Carta* de Pêro Vaz de Caminha. O relacionamento entre os dois povos será pautado pela atracção do diferente, em seguida pela convivência e, finalmente, pela aniquilação do mais fraco para dar origem a uma situação nova, como acontece com Iracema e Martim. Seria de esperar, como afirma Alfredo Bosi em *Dialéctica da Colonização*², que no imaginário pós-colonial a personagem do índio fosse construída como rebelde face ao invasor (o *americano* contra o europeu). No entanto, na ficção alencariana o que se constata é a comunhão das duas raças e, principalmente, o sacrifício e não resistência do índio.

Sentindo-se atraído por Iracema, logo desde o início Martim se sente dividido entre a saudade da pátria, da família e da "virgem dos castos amores", fruto de uma relação

² Cf. Alfredo Bosi, *Dialéctica da Colonização*, p.179.

intelectualizada, e o amor ardente, do campo dos sentidos, pela jovem índia. A duplicidade de sentimentos, o viver da cisão afectiva típica do herói romântico, a oscilação, fá-lo desejar o que está longínquo, sentindo, no entanto, não poder viver sem o que tem perto de si numa clara errância afectiva. Além disso, herdeiro dos valores portugueses, manifesta um carácter errante que vê no mar a possibilidade de novas aventuras e se vê prisioneiro da terra, demasiado pequena para as suas ambições, como se explicava em *Os Filhos de Tupã*. Por isso, reconhece o grito da gaivota, procura no céu indicações para chegar à orla marítima fugindo da floresta, sente o vento aracati que sopra do mar. Já consumada a relação com Iracema, o jovem português vê um barco e o seu espírito abandona-se com tristeza ao encontro das possibilidades oferecidas pelas velas ao vento, esquecendo-se do amor que lhe devota, fiel e constante, Iracema. Por isso, Martim parte sempre, e quando não está de partida, pensa no momento em que partirá, deixando à índia o papel da espera. Iracema fica na praia, pacientemente repetindo os gestos das mulheres que aguardam os maridos, os namorados, inevitavelmente atraídos pelo apelo do mar. A propósito, afirma José Victor Adragão, em *Portugal e o Mar*: "Como não há-de sentir-se o homem um ser dividido entre a estabilidade entorpecente da terra firme e a ânsia dos grandes mares?... O homem português cedo se apercebeu dessa dualidade. De pé, à beira mar encarava as águas como um convite, como um desafio. Até as donzelas, ainda a nossa língua era uma criança, escolhiam o mar como confidente e junto dele atendiam o seu amigo. Ainda que as ondas as cercassem, elas permaneciam confiantes, atendendo o seu amigo."

Iracema também permanece confiante, apesar da tristeza e desespero que a consomem: "Se tu não vens, disse a virgem, Iracema morrerá contigo." (p.54) Na sua coragem e constância amorosa, a jovem índia renuncia a si própria aceitando trocar as serras pela praia. Perene nas suas qualidades, superioriza-se em relação a Martim pela fidelidade que lhe devota. Intui no comportamento do ser amado o anseio do mar, a saudade da pátria ("uma alma exilada da pátria"), mas quer "recolhê-lo em si como um asilo impenetrável" (p.49). O narrador descreve o crescendo da tristeza de Iracema, mas afirma sempre que *ainda* não se arrependeu, apesar de um sentimento de saudade das serras natais que começa a definir-se:

"Ergueu ela os olhos e viu entre as folhas da palmeira sua linda jandaia, que batia as asas, e arrufava as penas com o prazer de vê-la.

A lembrança da pátria, apagada pelo amor, ressurgiu em seu pensamento. Viu os formosos campos do Ipu, as encostas da serra onde nascera, a cabana de Araquém, e teve saudades; mas naquele instante, ainda não se arrependeu de os ter abandonado." (p.85)

A caracterização de Iracema, realizada nestes termos positivos e através de um discurso poético com constantes alusões à natureza, num texto em forma de lenda, visa a idealização do índio e, conseqüentemente, das origens do Brasil. Um índio que se sacrifica e se abandona ao destino traçado doravante pelo invasor branco. Mas, a construção de Iracema por

pouco não se fixa apenas no domínio do símbolo, correndo o risco de lhe faltar complexidade e desenvolvimento espiritual.

Por seu lado, a errância afectiva e física de Martim, que o afasta Iracema e da terra brasileira, vai conduzi-lo num percurso de perda que atinge o clímax com a morte de Iracema. Parte, mas inicia também um eterno retorno, com saudade de Iracema, com saudade da terra estrangeira que agora sente sua:

"Afiml volta Martim de novo às terras, que foram de sua felicidade, e são agora de amarga saudade. Quando seu pé sentiu o calor das brancas areias, em seu coração derramou-se um fogo, que o requeimou: era o fogo das recordações que ardiam como a centelha sob as cinzas."(p-95)

O lugar da permanência é o Brasil - o sangue luso permanece na nação e na raça que ajudou a criar, como já tinha sido anunciado no início do romance com o eco vibrante, brisa da terra, memória, que, por entre o marulho das vagas, pronuncia o nome de Iracema. Sedutora, a brisa, chama o filho do mar. A vaga é como uma pulsão instintiva, do domínio do inconsciente, que traz a lembrança do amor e o apelo da terra. Não tinha sido o desejo de Iracema que Martim fosse um ser terrestre, uma árvore? "A flor da mata é formosa quando tem rama que a abrigue, e tronco onde se enlace."(p.46) Mas, Martim, o português, pertence ao oceano, deixando para sempre na alma brasileira a saudade de ser lenho sulcando os mares - permanentemente em errância. É essa a herança que lega a Moacir: um sentimento de saudade à mistura com a ansia de partir que fará dele, brasileiro, um ser errante: "O primeiro cearense, ainda no berço, emigrava da terra da pátria. Havia aí a predestinação de uma raça?"(p.95) Da mãe, herda a sensualidade, a gentileza apelativa dos sentidos ligada à natureza, e o sentimento de pertença representado pelas raízes das árvores da floresta virgem que o ligarão para sempre à selva-mãe.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de, *Iracema e Cartas sobre "A Confederação dos Tamoios"*, estudo crítico de M^a Aparecida Ribeiro, Coimbra, Almedina, 1994.

-----***-----

ADRAGÃO, José Víctor, *Portugal e o Mar/Viagens pelos Descobrimentos*, Lisboa, Círculo de Leitores.

BOSI, Alfredo, *Dialéctica da Colonização*, São Paulo, Companhia das Letras, 3^aed.1998.